

# Amor, Desejo e Gozo

---

Elaine Foguel

Como resenhar uma coletânea de artigos que se teve oportunidade de organizar? Naturalmente, apresentando-a e esclarecendo o modo como foi estruturado o volume, ao tempo em que se articula a escolha triádica dos temas, para então chegar a cada artigo, um a um.

Centrada na articulação dos temas *amor, desejo e gozo*, a coletânea 2014 é fruto do trabalho dos membros do Campo Psicanalítico de Salvador e de Ilhéus e dos convidados que compareceram à instituição em Salvador para enriquecer os debates ao longo de 2013. No entanto, a maior parte dos trabalhos é fruto da XIII Jornada do Campo Psicanalítico de Salvador e X Jornada da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano Brasil. Os artigos foram agrupados por afinidade de temas, colocando lado a lado aqueles que se originaram das Jornadas acima referidas e os que foram resultado de trabalhos apresentados nos Fóruns da instituição.

Além de ser uma tríade, *desejo, gozo e amor* — escrita aqui nesta ordem —, comporta uma articulação tridimensional, pois os termos se enlaçam de forma borromeana, implicando que funcionam juntos no ser falante. O *desejo* foi o primeiro que apontou na teoria psicanalítica, quando Freud publicou a teoria dos sonhos na virada do século, demonstrando a existência de um desejo inconsciente, que causa e move o sujeito e que é, se se pode afirmar, homeomorfo ao inconsciente. O desejo faz a cadeia simbólica mover-se: o desejo inconsciente é a marca registrada de Sigmund Freud na metapsicologia. O *gozo*, Freud o localiza na pulsão de morte e nas incidências do supereu, principalmente a partir dos anos 1920, quando se depara com a compulsão à repetição dos sintomas e com as questões relativas ao fim da análise. Quanto ao *amor*, a contribuição freudiana é incontornável: o amor de transferência e suas complexidades não o fazem desistir de seu método, mas, ao contrário, é usado a favor do tratamento, ao ser conjugado com a resistência à análise, nos artigos técnicos.

Não há descontinuidade entre esses fundamentos de Freud e os desenvolvimentos de Lacan, como se verá ao longo da coletânea. Lacan mostra que o desejo se constitui na dialética da demanda do Outro e o sujeito permanece a ele alienado: desejo insatisfeito, desejo impossível e desejo prevenido definem as estruturas da neurose e estão entre os sofrimentos da demanda de análise. O gozo responde no real, o impossível, quando a angústia invade o ser, fora do simbólico e do imaginário. O campo do gozo é a marca registrada de Lacan, como está desenvolvido em muitos dos artigos desta coletânea. O amor não tem uma só via no ensino de

Lacan; no entanto, a dos últimos anos dá um sentido especial à escuta do psicanalista: o amor é suplemento à falta da relação sexual, é o que torna possível o laço entre os humanos, o que faculta suportar o desamparo da falta absoluta no Outro.

Este livro está dividido em seis seções, encabeçadas pela conferência *Os nomes do pai segundo Lacan*, proferida por Clarice Gatto na Jornada e que tem, entre outros, o mérito de fazer dialogar Freud e Lacan a respeito da função do pai no sujeito, desde a mais precoce constituição. Rastreia os registros real, simbólico e imaginário a partir das primeiras formulações e brinda o leitor com ampla revisão do registro simbólico da linguagem, para bem esclarecer a função da metáfora no inconsciente, quando então situa e comenta o matema do Nome do Pai. Passa a tratar das incidências da expulsão da metáfora paterna no psiquismo, a saber, a psicose. O passo seguinte é considerar os registros enodados de forma borromeana, incluindo o quarto laço como função paterna que os amarra, tal como Lacan apresentou nos seminários a partir dos anos 1970. Além de oferecer percurso rigoroso, o escrito é permeado de fragmentos de relatos clínicos, que conferem ao trabalho consistência e coerência clínica.

A primeira seção, *Estruturas do significante*, congrega os artigos que tratam primordialmente das formações clínicas na contemporaneidade. A seguinte, *Variantes do gozo*, elenca as contribuições que examinam, entre outros, os efeitos do gozo no sintoma e na direção do tratamento. A terceira parte, *Do amor*, surpreende pela diversidade das abordagens feitas ao tema, transmitindo, cada artigo, a complexidade e o cuidado que o assunto exige. *Do desejo* completa a trilogia do título da coletânea, trazendo os artigos que declinam os vários aspectos desse fundamento do inconsciente. Mais duas seções se seguem: *Diálogos com a poética*, que traz artigos em que os autores se servem tanto da literatura, como de estudos sobre a linguagem para referenciar à teoria psicanalítica, e *Diálogos com a educação*, que discute a relação possível entre educação e recalque, em Freud e Lacan.

Em *Dos impasses da maternidade a uma verdade indizível: uma leitura psicanalítica sobre a feminilidade*, Alessandra Costa Meira defende que a maternidade e a gestação passam pelo registro das fantasias e desejos inconscientes que são, na maior parte das vezes, negligenciados pela medicina da procriação, provocando um distanciamento prejudicial entre a vontade consciente e o desejo inconsciente de gestar um filho. A autora examina essas discrepâncias por meio de casos clínicos que abordam as questões da feminilidade resultantes das identificações imaginárias egoicas processadas pelo trinômio falo-falta-desejo. É a partir da falta que uma mulher se oferece ao desejo de um homem. Fornecem-se, desta forma, dados indispensáveis para uma escuta psicanalítica nas dificuldades da procriação.

Caio Mattos Filho, em *O cristal da fobia: um sintoma tão à flor do significante*,

situa as incidências da castração nas neuroses, principalmente na fobia, na qual o significativo media a vacilação do nome do pai, tal como se pode localizar no caso Hans com o significativo *cavalo*. Na fobia, o significativo cristalizado (metáfora muito oportuna, inspirada na obra de Stendhal) impede o deslocamento do objeto de desejo, ao tempo em que limita o gozo e cerca a angústia, suplementando a função da castração.

Em *O luto e seus destinos na atualidade*, Cristiane Oliveira trata o tema da medicalização do enlutado. Após debater e rebater a atual nosologia psiquiátrica, a autora introduz o depoimento de Roland Barthes em *Diário de luto*, para iluminar as concepções de Freud e de Lacan e defender que o luto demanda um tempo que não deve ser nem ignorado, nem abreviado: o luto é um doloroso trabalho psíquico de desvinculação pulsional, durante o qual o desejo se encontra inibido. O trabalho do luto é a tentativa de restabelecer o lugar do objeto *a* que ficou preenchido com a imagem do objeto perdido, tamponando o espaço desejante do sujeito. Esta importante elaboração do luto dá ensejo a que o sujeito se reinvente, sem cair na negação maníaca, ou na culpa do desejo de continuar vivendo.

Madaleine Reis parte da condição essencial da psicose, qual seja, a exclusão de um significativo primordial — a forclusão do nome do pai — pelo fracasso da metáfora paterna, testemunhando em *A psicose e o gozo do Outro* seu interesse clínico e tempo de pesquisa acerca dessa estrutura. Se o Outro na psicose não é barrado, o sujeito fica à mercê do gozo absoluto, um sujeito objetalizado. A autora examina as diferenças entre paranoia e esquizofrenia, esclarecendo as questões da sexuação na psicose e analisando em detalhes os efeitos da afirmação de Lacan “o psicótico faz a mulher existir”.

Sabrina Gomes Camargo em *Homem dos Lobos: a incerteza diagnóstica de um caso paradigmático*, pesquisa as querelas em torno da classificação do caso clínico de Freud, a partir da nosologia psiquiátrica contemporânea, sublinhando também as discordâncias entre os psicanalistas a respeito do paciente de Freud. Destaca que o criador da psicanálise escreveu e reescreveu sobre este caso até seus últimos artigos. A autora defende que uma das dificuldades de elaborar um diagnóstico é a redução sintoma-doença, que deve ser evitada pelos analistas. Chama a atenção para os debates pós-lacanianos em torno de Serguei Pankejeff, que levaram a comunidade analítica a tender para um diagnóstico de psicose, e propõe a retomada da discussão diante da riqueza e da incerteza que o historial suscita.

Taya Soledade, em seu artigo *A fala que cai — a gramática do infantil*, trabalha uma versão original da fala, que tem sido seu objeto de estudo, ao aproximar o construto da linguagem egocêntrica de Piaget à linguagem com a qual a psicanálise opera, que não visa à comunicação. Abordando o fenômeno da fala que cai, equivalente lógico da *alíngua*, a autora desenvolve a tese segundo a qual, com o advento do

recalque, a fala cai e é substituída pelo sentido; no entanto, quando a operação do recalque não ocorre, também a fala egocêntrica não se organiza, a fala não cai, fica congelada, como se constata no autismo e nas psicoses na infância.

Vera Lúcia Tourinho Edington e Andrea Hortélio Fernandes, no artigo *O menino do pacote: uma leitura psicanalítica sobre a medicalização da infância*, mostram pelo relato de um caso clínico de um menino que “carregava” um diagnóstico de DTAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), como foi possível tratar essa criança por meio do dispositivo analítico. Com isso, o sujeito que se encontrava alienado aos outros parentais, pôde, afinal, se construir e se manifestar como sujeito incluído no laço social. O percurso do artigo abrange uma pesquisa sobre a constituição do sujeito e fornece subsídios indispensáveis para o arejamento do debate dos diagnósticos psiquiátricos na infância.

No seu artigo *Gozo: um apetite do desejo de morte para o sujeito*, Aurélio Souza afirma que o campo da linguagem é constante ao longo do ensino de Lacan, embora não se confunda com a linguagem da teoria da comunicação, mas é aquela que leva em conta a dimensão real, polifônica, das letras e significantes, e que foi denominada *alíngua* por Lacan. A *alíngua* intervém no organismo, produzindo alterações reais, simbólicas e imaginárias fundamentais na constituição do sujeito, um ser de linguagem e sexo. O autor privilegia os efeitos reais da *alíngua*, articulando desejo, amor e gozo com os três registros da linguagem, RSI, na mostração borromeana: localiza o gozo no real, o desejo no simbólico, e amor, ódio e ignorância no imaginário.

Jairo Gerbase, no seu escrito *A besteira*, afirma que a besteira é correlata de  $S_1$ , o inconsciente, produzido pelo discurso do analista ao interrogar o sujeito (\$) no dispositivo da análise. Ora, não há escrita da relação sexual no inconsciente, e não há relação possível entre um sujeito não todo fálico e um sujeito escrito na ordem fálica. Essas asserções lógicas afastam a hipótese de que a anatomia é o destino e convocam Freud a determinar que só existe uma libido, a masculina. O mal-entendido provém desta estrutura, e  $S_1$  é um significante besta. Dessas premissas, Gerbase discorre sobre o significante como substância gozante, retirando do exposto consequências éticas: “Procuro me desvencilhar da ideia de que analisar é atingir a coisa”.

Jamile Abdala, no artigo *O supereu e seus efeitos de gozo*, examina as incidências do supereu na neurose obsessiva e na melancolia na perspectiva de Lacan, que tomou a voz como objeto *a*, o qual aparece como presença real, destacada do simbólico e do imaginário, e que vocifera, revelando a inconsistência do Outro. A autora percorre textos-chave na obra do autor sobre o tema, principalmente o *Seminário da Angústia*, em que privilegia o exemplo do *shofar* como o som que tenta preencher a ausência de Deus, uma voz que provoca o afeto de angústia.

Apresenta um caso de sua própria clínica no qual a procrastinação é a forma de gozo que se repete, e que se conjuga com outros dois significantes que começam com a letra *p*: pensamento e pior.

Em *O que Lacan quis dizer com o gozo do Outro?*, Marcus do Rio Teixeira elabora um diálogo valioso entre o quadro da sexuação e os registros do gozo fálico e gozo do Outro, incluindo nesta construção a lógica do impossível que comanda o registro real da linguagem. Cada momento do desenvolvimento do artigo é acompanhado por referências esclarecedoras e precisas, que possibilitam ao leitor uma melhor compreensão da trajetória do autor, assim como acesso ao estudo das questões relevantes tratadas no artigo.

Amélia Almeida se detém, no seu trabalho *Padecimentos do amor*, num aspecto particular deste afeto, o luto decorrente da perda pela morte do objeto de amor ou pelo fim da relação amorosa. Em ambas as situações, ao sofrimento da perda da pessoa se acrescenta a perda do lugar subjetivo que era ocupado junto àquele que se foi. O luto é um período de doloroso trabalho psíquico e pode se tornar patológico quando o desligamento gradual não ocorre, dando lugar à melancolia. A autora examina quatro situações: o luto propriamente dito, a melancolia, os episódios depressivos, e o desenvolvimento sobre a posição depressiva na obra de Maria Rita Kehl.

Célia Fiamenghi parte da obra de Sade, *Os crimes do amor*, e trabalha em duas vertentes: por um lado, as questões do amor, da falta e da busca do saber inconsciente na neurose e, por outro, a crença do saber sobre o gozo do Outro na perversão. Na obra sadeciana, a fraqueza máxima é amar; o amor é uma prisão do corpo que causa dor física e moral. É a perda de si mesmo, uma insanidade. Na outra vertente, na neurose, as incidências da falta no homem e na mulher determinam, ao mesmo tempo, a falta de complementaridade na relação sexual e a busca do amor. Para aceder ao amor, é necessário passar pela castração.

Em seu escrito *Algumas considerações sobre o aforismo lacaniano: "Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo"*, José Antônio Pereira da Silva articula amor, desejo e gozo por meio da análise do objeto *a* no *Seminário da Angústia*. O objeto *a* é o *topos* da falta que se produz na operação de castração; o amor é a sublimação do desejo na cultura, sob a condição de o sujeito se aceitar como falta, isto é, homólogo ao objeto *a*. O desejo, por sua vez, é a invasão do desejo do Outro, exatamente no lugar onde o objeto *a* se situa, obturando o vazio necessário da castração e produzindo a angústia que precipita o sujeito no campo do gozo.

Maria de Fátima Alves Pereira, em *A desmedida do amor*, trabalha a questão amorosa pela via da devastação, principalmente na feminilidade. É pela via do amor que se estabelece uma conexão com o Outro; o amor faz crer que existe o gozo do Outro sexo, suplementando a impossibilidade da relação sexual. Assim,

o amor, na sua vertente real, é contingente e necessário: ele não cessa de se escrever. Ocorre, em alguns casos, uma desmedida do amor: se a demanda de amor não é correspondida por um parceiro, a devastação e a destruição são ilimitadas. No *potlach* amoroso, por exemplo, a mulher se despoja de seus bens em nome do amor de um homem e, se este se retira, a devastação pode levar à morte. Também no amor materno pode ocorrer uma devastação da criança diante da mãe como Outro absoluto. O exemplo universal da desmedida do amor é *Medeia*, personagem trágica que mata seus próprios filhos para se vingar da traição sofrida. É o gozo feminino não castrado, na sua expressão máxima.

Olga Sá Ferreira, em *O outro do amor*, demarca o antagonismo entre as posições platônica e aristotélica do bem e da psicanálise, nas quais o cerne do ser não está no bem, nem no amor, mas na agressividade e na pulsão de morte. O amor compareceu à cena analítica desde os primórdios da psicanálise, como se vê no tratamento de Anna O. Lacan alerta que o amor é um fato cultural, como se pode observar nas diferentes formas de amar ao longo do tempo. A fonte do amor — a pulsão sexual — é comum a todas as incidências amorosas. Some-se a isso seu caráter ambivalente, uma vez que a ligação do sujeito com seu objeto é impregnada desta dualidade. A constituição do sujeito desejante, alienado ao desejo do Outro, é a fonte da ambivalência. Isso se aplica de forma complexa ao par amoroso, amante/amado, em que cada um é sujeito e objeto amado ao mesmo tempo.

No seu trabalho, *O desejo do analista decanta-se da experiência de análise*, Andréa Hortélio Fernandes defende que um desejo inédito, o desejo de analista, só pode aparecer numa psicanálise. A passagem de analisando para analista corresponde a uma mudança discursiva na transferência, sob o signo do amor. Além disso, para abordar de outra forma o desejo do analista, o dispositivo do passe relança os efeitos de afeto de alíngua — que nunca se diz toda —, efeitos que vão reaparecer como testemunho do que se atravessou na análise. Para esclarecer seus desenvolvimentos neste trabalho, a autora apresenta o testemunho do passe de Elisabeth Leturgie.

Em *Desejo*, Angélica Teixeira percorre as “avenidas do desejo”, nas suas três ocorrências: o desejo do Outro, o objeto causa de desejo (objeto *a*), e o desejo do analista. O desejo inconsciente — do Outro — é invenção e conquista de Freud, que subverte a ética da moral e condiciona o desejo do analista. O objeto causa do desejo, invenção lacaniana, assume diferentes aspectos ao longo do seu ensino: objeto da pulsão nas operações de falta, objeto *a* no matema do fantasma, lugar de semblante no discurso do analista. Nesse percurso, a autora explicita as questões de saber, desejo e gozo por meio da teoria dos discursos. Sublinhando a ética do desejo, Angélica Teixeira conclama os analistas para sua contínua responsabilidade na contemporaneidade.

Ida Freitas, em *Ao pé da letra*, trabalha o significante lacaniano e seus funcionamentos metafórico e metonímico, para demonstrar que a linguagem porta uma falta que impede que o desejo inconsciente seja totalmente articulado. O modo possível de uma psicanálise dele se acercar é tomá-lo ao pé da letra. Este desenvolvimento leva ao efeito de escrita no real que o tratamento deve produzir. A autora demonstra, por meio de um exemplo clínico de Serge Leclaire, o sonho do unicórnio, o modo como o significante se desloca e se condensa, revelando e criando sentidos.

Raquel Prudente, em *O desejo de saber do analista: a travessia do centauro*, utiliza este mito, criatura metade homem, metade cavalo, para aludir ao ser falante que, para ascender ao estatuto de ser de desejo — sujeito dividido —, deve se submeter à dialética da demanda e do desejo do Outro, perdendo a conexão com o registro da necessidade. Esta constituição condiciona uma falta no saber que afeta, a um só tempo, não só as possibilidades do humano quanto ao seu desejo, mas o lugar do desejo do analista, que só se autoriza pela sua própria análise.

O escrito lírico de Sonia Campos Magalhães, *Desejo de bem-dizer*, mostra como o conto da literatura infantil *A metade do frango* e seu equivalente brasileiro *O pinto pelado* podem ser interpretados como alusões à estrutura do desejo inconsciente e também à coragem de sustentá-lo. Enfatiza a autora que a literatura é um meio de veicular a arte de bem dizer sobre o desejo inconsciente. A estrutura desejante se encontra em todos, mas é singular para cada um dos sujeitos, implicando que a ética da psicanálise se dirige à singularidade do falasser.

Em seu artigo, *O bonde chamado desejo não circula mais... só a Van filosofia*, Soraya Carvalho se atém à modalidade de sofrimento das depressões, nas quais o sujeito se fixa num gozo desmedido, abdicando do desejo e do objeto que lhe causa. Quando o sujeito cede de seu desejo, a depressão faz sinal de excesso de gozo; nesse estado, o falante se demite da ética do bem dizer, abdicando da vida e abraçando a morte. Porém, se nas depressões o desejo se encontra extraviado, no analista o desejo é advertido e orientado para fazer falar do real. Desta forma, numa psicanálise, a aposta é que seja possível para o sujeito encontrar no gozo a causa de seu desejo.

Ângela Rabelo, no seu texto *Acerca do deslumbramento de M. Duras*, trabalha o tema do amor na psicanálise e na literatura a partir da obra de Marguerite Duras *O deslumbramento de Lol. V. Stein*, sublinhando o feminino, o que encontra ressonâncias na teoria de Jacques Lacan, principalmente no que toca à vacuidade do corpo. A autora ressalta um contraponto importante entre a personagem Lol V. Stein e a escritora: enquanto Lol vive uma experiência de devastação sem limites, caindo num vácuo interior e corporal diante da perda do amor e diante da imagem da outra mulher, a escritora, segundo sua amiga e biógrafa, consegue, pelo

exercício da escrita, construir-se por meio das suas novelas e de seus personagens, ao ponto de produzir a sensação de doloroso arrebatamento no leitor.

Elaine Starosta Foguel retoma um tema que lhe é caro, o da metáfora, realizando em *Significante ou letra: o cimento da metáfora* uma incursão pela obra de Fenollosa e Pound sobre a escrita chinesa como meio poético. Esta é a ocasião de verificar a afirmação desses autores, segundo a qual toda a delicada substância da linguagem se edifica sobre os cimentos da metáfora, e de acompanhar o ensino de Jacques Lacan a respeito do significante e da letra. O estudo dá oportunidade ao leitor de verificar, por meio de fragmento da clínica, a hipótese de que as metáforas produzidas ao longo do tratamento constituam o cimento da ficção, os novos significantes e letras que fazem borda ao gozo do Outro.

José Solon de Queiroz, em *Nelson Rodrigues: um traço que se a-\$ina feminino*, articula literatura e psicanálise, defendendo que assinar é deixar uma marca de autoria. Questiona se isto vale para os heterônimos, mais especificamente em Nelson Rodrigues, quando o autor se faz passar por autora: Suzana Flag. As considerações que a psicanálise pode aportar passam tanto pela constituição do sujeito mulher de acordo com as fórmulas da sexuação — que vão subsidiar a afirmação de que a anatomia não define o destino sexual de uma escrita —, quanto pelas contribuições de Lacan em seu artigo *Lituraterre*, a partir do qual sustenta que a escrita faz borda ao real, impossível de ser todo dito.

O diálogo que Beatriz Elena Maya Restrepo estabelece entre a psicanálise e a educação, em *O sujeito do inconsciente não se educa*, possibilita ao leitor acompanhar na obra freudiana o pensamento a respeito do que pode a psicanálise em relação à educação das crianças. Distanciando-se do ideal de Sigmund Freud, a autora recorre a Jacques Lacan para articular que a educação e a família não são responsáveis pela repressão e pelo sintoma. Trata-se antes de afirmar que a repressão é estrutural, na medida em que introduz a linguagem que apaga o próprio sujeito, levando o *falasser* a inventar algo que explique o real.

A coletânea *Amor, desejo e gozo*, assim como seu título, é pluridimensional e constitui no seu conjunto um estudo consistente sobre os temas, na medida em que trabalha seus fundamentos, suas consequências e impasses clínicos, assim como a ética da clínica analítica.